



4088 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

ENTRE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE ENSINO DA LINGUAGEM ESCRITA NOS ANOS FINAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
Renata Adjaina Silva de Araujo - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Maria da Conceição Lira da Silva - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

ENTRE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE ENSINO DA LINGUAGEM ESCRITA NOS ANOS FINAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esse estudo buscou analisar as concepções e práticas de duas professoras que atuavam nos anos finais da Educação Infantil em relação ao trabalho com a linguagem escrita na rede municipal de Toritama/PE. Os dados foram coletados a partir de observações das aulas, entrevista semi-estruturada, e análise de algumas atividades de escrita propostas para as crianças. O resultado revelou que o trabalho das docentes parecia estar centrada na "preparação" das crianças para o Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Educação Infantil, Escrita, Ensino.

ENTRE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE ENSINO DA LINGUAGEM ESCRITA NOS ANOS FINAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

INTRODUÇÃO

O contato das crianças com a linguagem escrita inicia muito antes delas pegarem um lápis ou conhecerem as letras e a forma de escrevê-las. Brandão e Leal (2010) ressaltam que, no Brasil, até meados dos anos 1960, predominava o discurso da "maturidade para a alfabetização", ou seja, para aprender a ler e a escrever o aprendiz teria que antes desenvolver algumas habilidades psiconeurológicas e motoras. Acreditava-se que, até essa idade, a criança não tinha interesse por ler e escrever, e que as tentativas de alfabetizá-las antes disso prejudicariam o seu desenvolvimento. Com base nessa concepção, o trabalho com a leitura e escrita deveria ser evitado na Educação Infantil, a qual caberia se concentrar em atividades de coordenação viso-motora, chamadas de "pré-requisitos para a alfabetização".

Essa concepção começou a se modificar em meados dos anos 1980, com a divulgação dos estudos sobre a Psicogênese da Linguagem Escrita, desenvolvidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a partir de uma pesquisa que considerou aspectos até então ignorados quanto à relação das crianças com língua escrita. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), a partir do contato com diversas situações de leitura e escrita, as crianças começam a elaborar hipóteses a respeito dela. Dependendo da importância e frequência que a escrita tem em suas vidas, essas hipóteses sobre como se lê e se escreve podem evoluir mais lentamente ou mais rapidamente. A aprendizagem da linguagem escrita é um processo de elaboração e reelaboração pela própria criança mediada pelo professor e pela interação com os colegas. Nesse sentido, o diálogo que o professor estabelece na sala com a criança, o tipo de atividade desenvolvida e o material utilizado para explorar a escrita influenciam no pensar e no desenvolvimento da aprendizagem da escrita pela criança.

Estudos como o de Brandão e Leal (2010) apontam três caminhos que desenharam com relação à linguagem escrita na Educação Infantil: o caminho da "obrigação da alfabetização", que exige das crianças cobrirem pontilhados, copiar e decorar letras, palavras e pequenos textos; o caminho do "letramento sem letras", em que as práticas pedagógicas, em nenhum momento da rotina, contemplam a escrita como objeto de ensino; e o caminho da "leitura e a escrita com significado", que as autoras defendem, e segundo o qual é possível alfabetizar e letrar sem negligenciar as interações e brincadeiras.

Nesse sentido, entendemos que o contato e as explorações com a leitura e a escrita não tem o propósito de garantir que todas as crianças leiam e escrevam com autonomia ao final da Educação Infantil. No entanto, alinhamo-nos às autoras e acreditamos ser importante proporcionar situações de uso e de reflexão sobre essa linguagem em diferentes situações, de maneira lúdica e prazerosa para as crianças.

METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivo analisar as práticas e as concepções de professoras que atuavam nos anos finais da Educação Infantil na rede municipal de ensino de Toritama/PE, no que se refere ao trabalho com a linguagem escrita. Para tanto, foi realizado uma pesquisa com enfoque qualitativo no que diz respeito à compreensão da realidade observada. O campo onde foram gerados os dados para esse estudo consistiu em uma instituição de Educação Infantil da referida rede, e as participantes da pesquisa foram duas professoras que atuavam nas turmas do Nível III da Educação Infantil (crianças de cinco anos).

Os dados foram coletados a partir de observações das aulas, de entrevista semi-estruturada, que tinham a finalidade de esclarecer alguns aspectos das práticas das docentes, e análise de algumas das atividades de escrita propostas para as crianças. Por meio de aplicação de questionários, optamos como critério de escolha das participantes da pesquisa o tempo de atuação delas na Educação Infantil. Desse modo, selecionamos duas professoras que atuavam em turmas de crianças de cinco anos (Nível III, conforme nomenclatura utilizada pela rede municipal), uma com maior tempo de experiência e a outra com menor tempo de atuação na Educação Infantil. Para preservação da identidade das docentes, nomeamos de P8 a docente com experiência de sete anos de docência na Educação Infantil e de

P3 a que tinha experiência de três anos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação às rotinas das duas turmas, pudemos observar que ambas eram bastante semelhantes: iniciavam, na maioria das vezes, com uma oração; depois as professoras cantavam canções infantis, conhecidas e indicadas pelas próprias crianças e, em seguida, as docentes recolhiam os cadernos com as atividades propostas no dia anterior que as crianças levavam para serem realizadas em casa.

Geralmente, no primeiro momento da aula, as docentes explicavam os objetos de ensino e propunham atividades que eram feitas pelas crianças no caderno (registradas à mão pelas professoras) ou em folhas A4 (atividades fotocopiadas). Ao término das atividades, os alunos formavam filas para lavar as mãos; e, em seguida, lanchavam e recreavam. Na volta do recreio, que durava cerca de trinta minutos, as atividades eram retomadas. Essas atividades também eram realizadas nos cadernos das crianças e tinham o objetivo de "revisar" os conteúdos explorados no primeiro momento. Em algumas aulas, notamos que as atividades propostas, no segundo momento, consistiam na cópia repetida, no caderno, do nome completo das crianças, com a finalidade, segundo uma das professoras, de "treinarem a escrita do nome" (P8), com o auxílio de fichas contendo o nome completo das próprias crianças. Depois, as professoras entregavam a atividade de casa, que também era proposta nos cadernos das crianças e geralmente eram atividades fotocopiadas. Notamos ainda que, em algumas aulas, as professoras deixavam, após a realização das atividades, as crianças brincarem até a hora de irem para casa. Ao final de umas das aulas observadas, perguntamos à docente P8 como era a rotina de sua turma:

Bom, a aula era para começar de sete e meia, mas a maioria só chega depois das oito. Daí deixo eles brincarem um pouquinho até a aula começar. Depois faço uma oração com eles, canto algumas músicas e começo a fazer as atividades. Depois vem a hora de lavar as mãos, lanchar e ir para o recreio. Depois do recreio, eu faço outra atividade e às vezes, quando dá tempo, deixo eles brincarem mais um pouquinho. (P8)

Conforme as observações realizadas nas turmas e o relato de P8, observamos que as rotinas e as atividades propostas seguiam sempre a mesma sequência com atividades memorização e cópias de letras e sílabas. Com isso, percebemos que as aulas das duas professoras tinham como foco principal atividades que envolviam a linguagem escrita, e as situações observadas assemelhavam-se ao primeiro caminho apontado por Brandão e Leal(2010), ou seja, o da "obrigação da alfabetização". Em relação às atividades propostas, destacamos algumas a seguir:



Proposta de P8



Proposta de P3

É importante destacar que, em todas as aulas observadas, notamos que as duas professoras propuseram atividades com cópias de letras e/ou sílabas. Essas atividades eram sempre realizadas nos cadernos das crianças e tinham o objetivo, segundo uma delas, de "*ler palavrinhas simples e escrevê-las*" (P3). De acordo com os depoimentos e as atividades propostas pelas professoras, percebemos que o trabalho com a escrita, em ambas as turmas, era baseado na perspectiva que concebe a Educação Infantil como uma etapa escolar que tem a obrigação de alfabetizar as crianças.

Conforme observamos, as atividades propostas pelas professoras P3 e P8 são voltadas apenas para o treino, a cópia e a memorização de letras. De acordo com Brandão e Carvalho (2010), propostas como essas costumam cansar as crianças, já que, em geral, são realizadas todos os dias, modificando somente as letras e/ou sílabas trabalhadas. Além disso, elas não contribuem para que as crianças prossigam em sua compreensão sobre como funciona a linguagem escrita, conforme destacam os estudos de Ferreira e Teberosky (1999). Logo, as atividades propostas não apresentam nenhuma preocupação em possibilitar que a criança reflita sobre a linguagem escrita, pois concebem essa linguagem como código, e, para que a criança aprenda, basta apenas que ela memorize cobrindo e copiando os sinais gráficos, sem reflexão alguma.

Nas dez aulas observadas (cinco em cada turma), as estratégias utilizadas pelas professoras foram o ditado de letras, a cópia do nome próprio da criança, tendo como suporte fichas de papel, bem como a memorização por meio da cópia de letras e sílabas, conforme já mencionado. Um dos elementos que evidenciamos nas narrativas das professoras foi a questão da importância ou não de se iniciar o trabalho com a escrita na Educação Infantil. Para P3, a resposta foi sim, e o objetivo desse trabalho seria o de "preparar" as crianças para o primeiro ano do ensino fundamental. Já para P8, que também respondeu positivamente, a importância desse trabalho residiria na possibilidade de as crianças começarem perceber a diferença entre o desenho e a escrita, conforme notamos nos depoimentos delas.

Sim, eu acho importante começar a trabalhar a escrita na Educação Infantil, porque, quando elas estiverem no primeiro ano, já terão uma noção das letras e a escrita um pouco desenvolvida. (P3)

Eu acho importante para que os alunos possam perceber a diferença entre o desenho e a escrita, pois o conhecimento das letras é fundamental. (P8).

Sobre as estratégias de ensino utilizadas para trabalhar a escrita, uma das docentes afirmou que utilizava práticas como leitura e escrita de letras e sílabas através de jogos. A outra professora destacou que utilizava a leitura e a escrita do nome próprio da criança como estratégia principal em suas aulas.

É essencial praticar a leitura e a escrita no cotidiano escolar, trabalhar com as sílabas e palavras simples. Por exemplo: trabalhar com o jogo da memória com as sílabas, jogo com as vogais e com o alfabeto. (P3)

Ler bastante as sílabas e letras em estudo. Acho muito importante trabalhar a escrita do nome, porque eles vão utilizá-lo bastante em várias situações cotidianas em que se faz necessário o uso da escrita. (P8).

É válido ressaltar que observamos poucas atividades lúdicas, jogos e brincadeiras com o objetivo de favorecer o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, exceto nos momentos de brincadeiras livres que eram entendidos, conforme depoimento de P8, como um momento de ocupação de tempo. De acordo com Leal e Silva (2010), tanto as brincadeiras livres como aquelas apoiadas pelos adultos podem ter um efeito positivo no desenvolvimento infantil e, portanto, precisam estar presentes na educação das crianças pequenas. Sobre as estratégias e os recursos utilizados, observamos ainda que as narrativas incidem na questão de que a aprendizagem da escrita é percebida de forma mecânica, contrapondo-se ao que defendem Baptista (2010) e Smolka (2012) quanto à importância de proporcionar o contato da criança com as práticas sociais de leitura e escrita, não se restringindo ao ensino de um código.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo desse estudo, que foi analisar as concepções e as práticas de duas professoras que atuavam nos anos finais da Educação Infantil em relação ao trabalho com a linguagem escrita, pudemos perceber, mediante as entrevistas semi-estruturadas e as práticas observadas em sala de aula, além de algumas atividades propostas, que as concepções das docentes em relação ao trabalho com a escrita na educação infantil parecia estar centrada na perspectiva do código e na "preparação" dessas crianças para o ingresso no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Isso foi perceptível nas falas das docentes, que evidenciaram uma concepção de que o trabalho com a escrita na educação infantil está relacionado com a "prontidão para a alfabetização, o que é evidenciada na fala: "acho importante começar a trabalhar a escrita na Educação Infantil, porque quando elas estiverem no primeiro ano, já terão uma noção das letras" (P3).

Sobre as práticas utilizadas pelas docentes nas rotinas das aulas, notamos que elas são a reprodução das concepções de ensino da linguagem escrita apresentadas por P3 e P8 nesse estudo, ou seja, a criança aprende a ler e a escrever através de métodos tradicionais. No âmbito da Educação Infantil, o professor possui um papel fundamental, pois, através de suas ações, as crianças têm a oportunidade de experimentar várias situações de uso e reflexão da linguagem escrita.

Compreendemos, assim como Baptista (2010), que, antes de aprender a escrever, os pequenos utilizam o conhecimento sobre a escrita na sua vida cotidiana, provinda do convívio com a sociedade letrada. Assim, ao ingressar nas Instituições de Educação Infantil, elas trazem conhecimentos sobre o mundo da linguagem escrita. Levando em consideração que a criança também inicia seu processo de alfabetização fora da escola e que, muitas vezes, isso acontece antes da entrada delas nesses espaços, essa compreensão nos faz refletir sobre o porquê de somente iniciar o trabalho com a alfabetização e o letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica C. A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

BRANDÃO, A.C.P.; LEAL, T.F. Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: O que isso significa? In: BRANDÃO, A.C.P. ROSA, E.G.C (Orgs). **Ler e escrever na Educação Infantil** - Discutindo Práticas Pedagógicas. Autêntica, 2010.

BRANDÃO, A.C.P.; CARVALHO, M. J.P.C. As fichas de atividades de linguagem escrita na Educação Infantil. In: BRANDÃO, A.C.P. ROSA, E.G.C (Orgs). **Ler e escrever na Educação Infantil** - Discutindo Práticas Pedagógicas. Autêntica, 2010.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEAL, Telma F; SILVA, A. Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar sobre a língua. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. de S. (Org.). **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.